

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

LUCIANA MOREIRA NOTTO

**O PROCESSO DE AVALIAÇÃO: A VERIFICAÇÃO DE
APRENDIZAGEM NA ÓTICA DOS ALUNOS DA FACER**

RUBIATABA - GO
2006

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS



LUCIANA MOREIRA NOTTO

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO: A VERIFICAÇÃO DE
APRENDIZAGEM NA ÓTICA DOS ALUNOS DA FACER

Monografia apresentada à
FACER – Faculdade de Ciências
e Educação de Rubiataba como
requisito para obtenção do título
de Bacharel em Administração de
Empresa, sob orientação da Prof.
Sílvia Ávila.

25220
500ri

Tombo nº	12650
Classif.:	372.658
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	05-03-04

FICHA CATALOGRÁFICA

NOTTO, Luciana Moreira

O processo de avaliação: a verificação de aprendizagem na ótica dos alunos da FACER / Luciana Moreira Notto. – Rubiataba – GO: FACER, 2006.

45 p.

Orientadora: Silvia Regina Assad Ávila (Especialista)
Monografia (Graduação em Administração de Empresas)
Bibliografia.

1. Avaliação de aprendizagem. 2. Avaliação e ensino. I. NOTTO, Luciana Moreira. II. Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba. III. Título.

CDU 372:658

Elaborada pela Bibliotecária Célia Romano do Amaral Mariano CRB-1/1528

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCIANA MOREIRA NOTTO

**O PROCESSO DE AVALIAÇÃO: A VERIFICAÇÃO DE
APRENDIZAGEM NA ÓTICA DOS ALUNOS DA FACER**

COMISSÃO JULGADORA
MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE GRADUADO PELA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: **Avaliação de Ensino**

Orientadora _____



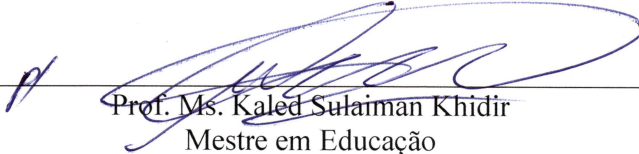
Prof. Silvia Regina Starling Assad Ávila
Especialista em Docência Universitária

2º Examinador _____



Prof. Enoc Barros da Silva
Especialista em Administração

3º Examinador _____



Prof. Ms. Kaled Sulaiman Khidir
Mestre em Educação

Rubiataba, 11 de novembro de 2006

DEDICATÓRIA

*Este trabalho é dedicado aos meus queridos pais,
Aparecido e Solimar, a minha avó Emerita e ao
meu amor Evandro, com carinho.*

RESUMO

O presente trabalho visa demonstrar a importância da verificação de aprendizagem no processo de ensino/aprendizagem. O objetivo do estudo foi investigar as opiniões dos alunos universitários dos primeiros e últimos períodos do curso de Administração, a respeito do tema "Verificação de Aprendizagem". A pesquisa desenvolvida foi realizada segundo a tradição qualitativa, os dados foram coletados através de um questionário aplicado aos alunos do curso de Administração, da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba (FACER), na cidade de Rubiataba, Goiás. Constatou-se com o resultado da pesquisa, que a avaliação é considerada um aspecto importante do processo ensino-aprendizagem e que os alunos atribuem a ela tanto a função didática quanto a função burocrática. E que apesar dos alunos terem sentimentos negativos quanto à avaliação, eles consideram importante discutir os resultados da avaliação. Assim tais resultados, longe de se serem conclusivos, amplia e busca a compreensão do ponto de vista dos alunos, fornece um conjunto de informações relevantes aos educadores.

Palavras-chave: Verificação de Aprendizagem, Avaliação e Ensino.

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO	6
2.OBJETIVOS	8
2.1 OBJETIVO GERAL	8
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
3. QUADRO TEÓRICO	9
3.1 VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM	9
3.2 AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO SUPERIOR	10
3.3 REPENSANDO A AVALIAÇÃO OU APRENDIZAGEM	13
4. METODOLOGIA	18
5. COLETA DE DADOS	23
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	40
7. CONCLUSÃO	41
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICE A – DADOS DO ALUNO	45
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	46
APÊNDICE C – CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA.....	47
APÊNDICE D – LISTA DE SIGLAS.....	49

1. INTRODUÇÃO

O alvo deste estudo foram os alunos do primeiro e do sétimo período do curso de graduação em Administração em suas três habilitações; com o propósito de saber e analisar como os estudantes entram e saem da faculdade; saber o que pensam, como encaram a forma que os professores avaliam e saber qual a importância da avaliação para os alunos da FACER.

O estudo tem o intuito de beneficiar a faculdade, de tornar a FACER consciente sobre o que os alunos pensam sobre a avaliação, a forma em que são avaliados por seus professores, cuja finalidade é trazer aprendizagem a todos.

A FACER é uma instituição de Ensino Superior, que propõe seguir um conjunto de princípios em direção a qualidade no que concerne a estimular os professores em processo contínuo de aperfeiçoamento, seus clientes não têm poder aquisitivo alto, são de classe média baixa, sendo que a maioria dos alunos possui bolsa. A possibilidade de ter uma faculdade em Rubiataba foi realizada em 1989 com a criação da CESUR – Cooperativa de Ensino Superior de Rubiataba, que empenhou a luta pela viabilização do Ensino Superior em Rubiataba.

A Faculdade de Ciências e Educação e Rubiataba foi autorizada pelo MEC a funcionar a partir de 1998 com os cursos de Administração com habilitação em Administração Rural – Portaria 820/97 com 80 vagas e de Filosofia, Portaria 922/97, com 50vagas.

O CESUR, entidade responsável pela Instituição de Ensino Superior perante as autoridades públicas e comunidade em geral, está incumbido de tomar as medidas necessárias ao bom funcionamento da FACER, respeitando os limites da lei e do regimento da faculdade. Colocam também a disposição da IES os bens móveis e imóveis necessários, assegura-lhe os suficientes recursos financeiros.

A FACER está inserida na região do Vale de São Patrício, uma região com sérias necessidades à Educação Superior. A grande maioria de seus alunos é de cidades circunvizinhas de Rubiataba. Uma oportunidade que a FACER pode estar atenta é se instalar em cidades potenciais, ficar centralizada de acordo com a viabilidade econômica e de localização de seus clientes, até mesmo criar parcerias para não deixar outro concorrente entrar no mercado. Porém, se surgir outra faculdade com novos cursos ou até com os mesmos cursos que a FACER já oferece na região, pode ser uma ameaça. A frustração, a pressão e a falta de motivação em relação à avaliação pode ser consequência de uma verificação de

aprendizagem desorganizada, ou seja, mal aplicada, por isso é preciso ensinar e aprender acima de tudo, com o exercício das possibilidades; recuperar de alguma maneira o que foi vivido e projetar mudanças sempre que necessário à busca da perfeição, para que tanto professor, aluno e instituição possam caminhar e crescer juntos. O estudante precisa mostrar seu desempenho e só fará isso por meio de esforço e dedicação juntamente com um sistema educacional que ofereça qualidade no ensino, por outro lado, os professores têm uma grande responsabilidade porque eles têm que mapear as maneiras que os estudantes conseguem aprender, descobrir quem é os alunos e o que é necessário a torná-los em profissionais, e se a instituição der base e apoio/oportunidade para que o aluno cresça, ela tornará o reflexo da sociedade.

A partir destas informações buscou-se como objetivo geral deste estudo, investigar as opiniões de alunos universitários dos primeiros e dos últimos períodos do curso de administração a respeito do processo de avaliação e os específicos são: identificar os significados e as práticas de avaliação da aprendizagem utilizadas na instituição; compreender os aspectos envolvidos no processo de avaliação da aprendizagem e analisar os significados e as práticas de avaliação da aprendizagem segundo a perspectiva de alunos do Ensino Superior.

Sabe-se que a avaliação da aprendizagem é um dos aspectos mais críticos do trabalho pedagógico do educador com seus educandos, independente do nível de escolarização em que estes se encontrem e que, é constante, por parte dos alunos, o questionamento quanto à maneira como os conhecimentos serão cobrados pelo professor. Como serei avaliado? O que será exigido de mim? Já o professor questiona sua prática avaliativa baseado em parâmetros éticos e relevantes da aprendizagem? O que avaliar? O que fazer para ser justo e correto? A importância deste estudo é trazer benefícios para a faculdade, professores e alunos, porque a instituição bem estruturada e com mão-de-obra qualificada e preparada implicará bons resultados, de tal forma que os alunos serão avaliados de maneira significativa. É relevante salientar que com tais informações será mais fácil suprir os anseios dos alunos na busca do conhecimento.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar as opiniões de alunos universitários dos primeiros e dos últimos períodos do curso de administração para compreender o processo de avaliação.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os significados e as práticas de verificação da aprendizagem utilizadas na instituição.
- Compreender os aspectos envolvidos no processo de verificação da aprendizagem.
- Analisar os significados e as práticas de verificação da aprendizagem segundo a perspectiva de alunos do Ensino Superior.

3. QUADRO TÉORICO

3.1 VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

A avaliação é um exercício mental que permite a análise, o conhecimento, o diagnóstico, à medida e/ou julgamento de um objeto. Esse objeto deve ser a própria realidade daqueles que a fazem. Avaliar seria um processo de autoconhecimento e também, o conhecimento da realidade e da relação dos sujeitos e das pessoas que a mantêm. (OSÓRIO, 2006).

Para Osório (2006), o termo avaliar “tem sido constantemente associado a expressões como: fazer prova, fazer exame, atribuir notas, repetir ou passar de ano”. Esta associação, tão freqüente nas escolas e no Ensino Superior é resultante de uma concepção pedagógica arcaica, porém tradicionalmente dominante. De modo que a educação é concebida como mera transmissão e memorização de informações prontas, o aluno é visto como um ser passivo e receptivo. Mas dentro de uma concepção pedagógica mais moderna, baseada na psicologia genética, a educação é concedida como experiência de vivência multiplicada e variada, tendo em vista o desenvolvimento motor, cognitivo, objetivo e social do educando, é um ser ativo e dinâmico, que participa da construção do seu próprio conhecimento.

Educar é segundo Osório (2006), formar e aprender, é construir o próprio saber, a avaliação completa dimensões e não se reduz apenas em atribuir notas. A autora afirma que o ato de avaliar consiste em verificar se os alunos estão sendo realmente atingidos e em que grau se dá essa consecução, para ajudar o aluno a avançar na aprendizagem e na construção do seu saber. Assim, a avaliação assume um sentido orientador e cooperativo. Orientador porque permite que o aluno tome consciência de seus avanços e dificuldades, para continuar progredindo na construção do conhecimento. Ela esclarece ainda que a forma de encarar e realizar a avaliação reflete a atitude do professor em sua interação com a classe bem como sua relação com o aluno.

Podemos perceber que os professores precisam verificar o conhecimento prévio de seus alunos e para isso eles precisam planejar seus conteúdos e detectar o que o aluno aprendeu nos anos anteriores que estudaram.

Segundo Esteban (1996) citado por Osório (2006) considera que avaliar significa investigar o movimento de construção do conhecimento pelo aluno, mediando pela ação escolar. Para Saul (1994) citado por Osório (2006) a avaliação consiste num processo de

análise e crítica de uma dada realidade visando a sua transformação. Já para Luckesi (1986) citado por Osório (2006) a “avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho”.

“A avaliação é o mapeamento da aprendizagem do aluno e do ensino e nesse momento o professor pode fazer uma reflexão consistente da prática pedagógica e reconstruí-la, criando desafios que conduzam o aluno a superar seus estágios cognitivos”; diz Silva, 2006.

3.2 AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO SUPERIOR

Diante da dificuldade de se avaliar, Chaves (2005) analisa a complexidade da avaliação, diz que o Ensino Superior não está isento dos problemas constatados nesse campo, tanto na teoria quanto na prática, a avaliação nesse nível de ensino se reveste de rituais e atitudes discriminatórias. E que a maioria dos professores praticam uma avaliação tradicional, basicamente utilizam provas escritas para verificar a retenção dos conhecimentos repassados, não servindo para orientar ou re-orientar o aluno, para situá-lo frente às exigências das disciplinas do curso e do papel que os conteúdos de cada disciplina tem na sua formação profissional.

Chaves (2006) cita Cunha (1998) e aponta que “a questão da avaliação é a mais complexa e pode estar a revelar uma certa incompreensão dos objetivos da proposta (inovadora) por parte dos alunos e/ou uma certa indefinição quanto à forma e ao modo de avaliar numa proposta diferente da parte do professor”. O que dá a entender é que o professor por dar aulas, avaliar e atribuir notas está cumprindo sua tarefa; embora o aluno está mais preocupado em passar na disciplina, em conseguir notas, do que a qualidade de sua formação profissional.

“Ainda hoje avaliar é confundido com medir”, diz Depresbiteris (2006). Segundo ela a avaliação inclui a definição de que medidas e critérios devem ser usados para julgar o desempenho; a determinação de que critérios abranger; coleta de informações relevantes através de medida ou de outros meios, aplicação do critério para determinar o mérito do programa.

Luckesi (1994) citado por Depresbiteris (2006) diz que as notas são comumente usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos, dentro de um continuum de

posições, onde a maior ênfase é dada à comparação de desempenhos e não aos objetivos institucionais que se deseja atingir. É importante, ao se falar em avaliação da aprendizagem, indica que funções, que segundo Gronlund (1979) citado por Depresbiteris (2006), são os de informar e orientar para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, onde a ênfase deveria ser dada ao aspecto educacional.

Chaves (2006) salienta que, o tema avaliação representa uma área crítica no Ensino Superior, pois se observa dificuldades e impasses vividos por professores universitários aos avaliar seus alunos. E para compreender o papel exercido pela avaliação no processo de ensino, é importante perceber os princípios que embasam os julgamentos feitos pelos professores ao avaliarem. A autora continua dizendo que uma avaliação adequada, requer a formulação e explicitação de antemão dos critérios que serão utilizados para conta do nível de produção dos alunos, o que também permite identificar se existem critérios comuns, mas a dúvida é se essa proposta seria capaz de avaliar o que, como se aprendeu e o que como se ensinou, porque só assim um estudante nos diferentes momentos de sua formação profissional poderá usar as informações que sabe.

Para Depresbiteris (2006), a avaliação e o planejamento são inseparáveis, por isso, ela defende que o planejamento é o momento de refletir sobre os objetivos a serem atingidos sobre como alcançá-los e sobre como avaliar o que se planejou. De modo que a avaliação é vista como o registro de uma nota, tomando-se uma atividade burocrática para o professor. Segundo ela a forma de avaliação seja escolhida de acordo com os objetivos que se deseja atingir, e é fundamental que se ofereça ao aluno oportunidades diversas de mostrar seu desempenho, evita fazer do processo de ensino um mecanismo de só aplicar instrumentos de avaliação.

Uma outra dificuldade encontrada é se deve ou não abolir a nota no processo ensino-aprendizagem. Anderson (1969) citado por Depresbiteris (2006), é contra a atribuição de notas porque segundo ele as fornece uma medida imprecisa a respeito do desempenho do aluno que as notas não focalizam os objetivos; que falham como meio de comunicação entre a escola e a casa do aluno. Já Gronlund (1979) citado por Depresbiteris (2006), que é a favor da nota, afirma que é um meio de comunicar aos outros a aprendizagem dos alunos.

Silva (2006), professor e consultor do MEC, esclarece que predominam formas de avaliação que podem ser consideradas como um instrumento de exclusão. Segundo ele é uma visão classificatória, permitiva e coerciva, sendo um instrumento de controle da conduta comportamental e cognitiva do aluno.

Freitas (2006), diz que a avaliação é um ato, em processo e tem grande influência no futuro dos alunos, por isso os educadores devem transformá-la num instrumento de grande valia para o redimensionamento das ações pedagógicas. Para ela o processo de avaliar existe uma forte comunicação entre quem ensina e quem aprende, de modo que haja um laço de afetividade de compromisso entre aluno e professor.

Madureira (1999) observa que a avaliação é representada por uma nota onde o processo se torna excludente, porque julgar a capacidade do indivíduo através de uma representação numérica, fixa-se apenas em dados apresentados e não no contexto geral onde o aluno está inserido, sendo que muitas vezes o julgamento se torna cruel. Ela afirma que o processo avaliativo está permeado por um contexto muito mais amplo e significativo.

Avaliar não se refere mais a um processo de julgamento, mas refere-se a um processo de conhecimento, investigação. Avaliamos para produzir o saber. O saber sobre o nosso aluno e o processo de ensino. Avaliamos para estabelecer a relação entre o conhecimento que detemos e o conhecimento que outra detém, sobre as possibilidades de se conhecer mais e criar novas formas para isso (DALBEN, 1997 citado por MADUREIRA, 1999, p. 28).

Segundo Silva (2006), ao se avaliar a aprendizagem também está se avaliando o ensino, pois está se questionando a forma ensinada e sua adequação as várias aprendizagens encontrada em sala de aula. Para ele, quanto mais o professor conhecer as formas pelas quais os alunos aprendem, melhor será sua intervenção pedagógica, ou seja, avaliação é a medição entre o ensino, é o fio da comunicação entre formas de ensinar e formas de aprender. Ele ainda salienta que é preciso considerar que os alunos aprendem diferentemente porque tem histórias de vida diferentes, são sujeitos históricos, e isso condiciona sua relação com o mundo e influencia sua forma de aprender. De modo que avaliar, é também buscar informações sobre o aluno, é conhecer o sujeito e seu jeito de aprender.

A avaliação de aprendizagem deve assumir a dificuldade que a consideração simultânea de todos estes componentes implica ao longo de seu desenvolvimento, assim ao avaliar o professor deverá coletar, analisar e sintetizar de forma mais objetiva possível. (LUCKESI, 1991 citado por CHAVES, 2006).

Silva (2006), consultor do MEC, salienta que só existe situação de aprendizagem quando o aluno é desafiado a descobrir, a utilizar o que sabe para construir o que ainda não sabe. A sala de aula é como um laboratório da prática pedagógica e da aprendizagem, em ambiente de investigação e um lugar de pesquisa didática, de competências. É importante frisar que a nota diz pouco sobre a aprendizagem, apenas classifica o aluno numa escala de

valor, numa hierarquia, e isso deve conscientizar os pais também. Estimular o aluno a continuar tentando e superar suas dificuldades favorece ao seu crescimento como aprendiz e como pessoa, fazendo com que ele se sinta mais seguro e confiante; desenvolve sua capacidade crítica, estimula-o a ser autônomo.

Hoje podemos perceber que existe uma grande dificuldade em aplicar uma verificação de aprendizagem. Primeiramente, os alunos de modo geral se preocupam com a questão da nota, o valor em si e não em perceber o que realmente aprendeu ou se conseguiu absorver o conhecimento que lhe é proposto. Percebemos também que há autores que concordam e não concordam em aplicar com a tradicional avaliação; devido à complexidade da avaliação; porque envolve muita coisa, e muitas vezes ela se transforma em uma atividade exclusiva, pois não se pode medir o saber de um indivíduo com uma simples “prova”. Deve-se levar em consideração o quanto e como o indivíduo em sala de aula consegue absorver o conhecimento e como educador/professor lhe transmite.

3.3 REPENSANDO A AVALIAÇÃO OU APRENDIZAGEM

É necessário buscar uma renovação do campo da avaliação que supere o velho conceito e as práticas arraigadas de avaliação como constatação/verificação de um certo nível de aprendizagem do aluno. É preciso conhecer as características dos processos, ultrapassar o estudo de tudo quanto se manifesta para se prolongar até a identificação das causas e conseqüências e não apenas dos resultados em si, torna possível às medidas que possam contribuir para o aperfeiçoamento do ensino e conseqüentemente para a efetivação da aprendizagem. Salienta ainda que a construção de uma proposta de avaliação possa inevitavelmente por uma opção sobre ensinar e aprender; a avaliação consiste na articulação da teoria à realidade.(CHAVES, 2006)

Segundo Silva (2006), consultor do MEC, o professor deve compreender primeiro, que a prática avaliativa não está dissociada do contexto pedagógico. Não adianta querer mudar o sistema avaliativo sem mudar também o trabalho pedagógico e as condições de trabalho do próprio professor. Visto que todos aprendem de forma e em ritmos diferentes, cabe a cada educador descobrir a forma e o ritmo de aprender de cada aluno, para reconstruir sua prática pedagógica. Ele salienta que para mudar o processo avaliativo é preciso estabelecer objetivos e critérios em seu planejamento e em seu projeto político-pedagógico. É indispensável ter clareza a respeito do que se pretende avaliar, para poder realizar o que se pretende, e saber qual metodologia adotar e quais recursos utilizar; pois cada contexto tem

suas especialidades. Ao se construir esse instrumento de avaliação tem de ser coerente com a prática pedagógica do professor e com o que for ensinado. Não se pode ensinar de uma forma e avaliar de outra, é preciso haver coerência. E é aí que ocorre a grande mudança: os instrumentos de avaliação são aplicados no momento em que se ensina. Assim o professor cria situações de aprendizagem e, ao mesmo tempo, produz situações de aprendizagem e avaliação.

De acordo com Bussarello (2006), (ICPG), as tarefas relacionadas no processo de ensino-aprendizagem não são isoladas nem independentes; e em momento algum, devem ser avaliadas isoladamente. A avaliação efetiva dá-se durante o processo, o tempo todo na sala de aula que orienta as tomadas de decisão subseqüentes, referentes ao conteúdo, a estratégias de verificação de aprendizagem para desenvolver em todos os que fazem parte do processo, a autonomia governadora por seus próprios pensamentos, para que todos consigam sozinhos buscar a informação e transformá-la em conhecimento.

Bussarello (2006) salienta que, a nota pode ser usada para atender a muitos objetivos do educador, menos o de ensinar, com ela pode até ameaçar. Usa seu poder de coerção, pode tentar disciplinar, pôr ordem na turma e como conseqüência pode estagnar o processo de construção do conhecimento, porque o aluno passa a estudar para tirar uma nota boa e não para se apropriar do saber. Dessa forma o educador pode eliminar o aluno, o aluno por sua vez, acaba com todo o interesse dele em usufruir o conhecimento de convencê-lo de que é competente. Assim quando o aluno observa que tirou uma nota ruim, ele não presta atenção em verificar o que acertou e o que errou, a ênfase dada a essa nota tira todo o enfoque da aprendizagem. Ela comenta ainda que a avaliação não é uma atividade neutra, o professor deve respeitar o conhecimento que cada aluno traz, trabalhando para torná-lo consciente de seus atos, de suas escolhas e de suas conseqüências na sociedade ou para a formação de uma sociedade mais igualitária, onde sendo respeitado aprende a respeitar.

A avaliação da aprendizagem deve ser usada como um meio e não como um fim em si mesma, estando delimitada pela teoria e pela prática que a circunstancializa. O que pode estar acontecendo nos dias de hoje é um exercício da prática da avaliação da aprendizagem de uma forma, até ingênua e inconsciente, como se fosse uma atividade neutra, postura que indica uma certa defasagem na compreensão e no atendimento da prática social.

“A inovação tornou-se um ingrediente indispensável na obtenção de vantagens competitivas nos dias de hoje. Também as instituições de Ensino Superior estão sujeitas à necessidade de freqüentes inovações em seus processos de gestão, e nos processos de ensino/aprendizagem”.(SILVA; HARTAMAN; REIS, 2006, p. 62)

Silva, Hartaman e Reis (2006) citam (TACHIZAWA; ANDRADE, 2002) que dizem “nenhuma instituição de ensino pode se dar ao luxo de descansar sobre os êxitos passados, é preciso inovar constantemente para poder competir e sobreviver”. Na visão deles, as mudanças do ambiente competitivo estão atingindo também as instituições de ensino superior. De modo que todas as pessoas envolvidas com o sistema de ensino, professores, alunos, diretores, pedagogos, entre outros, desempenham papéis importantes e devem ser forças do processo de inovação.

Segundo (SILVA; HARTAMAN; REIS, 2006) mostram a importância de se ver inovações nos processos de ensino/aprendizagem, como forma de motivar os alunos, e gerar uma melhoria nos métodos de construção do conhecimento, o que pode trazer inúmeras vantagens competitivas para as instituições e também maiores incentivos aos professores e alunos.

Segundo Silva (2006), a escola apenas se responsabiliza por ensinar de forma linear e uniforme, ficando a sorte dos alunos aprenderem. Este paradigma vai sendo superado e substituído pelo paradigma das aprendizagens significativas. Isto ocorre em um movimento de ressignificação do processo de ensino e de aprendizagem, ao considerar que os estudantes possuem a potencialidade de aprender - princípio da educabilidade - e o que os diferencia são seus percursos de aprendizagens, que são condicionados por suas histórias de vida e pela diversidade sociocultural das escolas. O ensino não pode ser visto como uma mera e mecânica transmissão linear de conteúdos curriculares do docente para o educando, mas um processo de construção de significados fundados nos contextos históricos em que se ensina, aprende e conseqüentemente, se avalia.

Salienta ainda que é importante que o professor faça questionamento que irão possibilitar uma maior aproximação e diálogo da organização pedagógica do trabalho docente com as várias trilhas de aprendizagens e estrutura curricular, como: Quem são meus alunos? O que são capazes de aprender? Quais são seus estilos de aprender? Visto que, a avaliação é concebida como processo/instrumento de coleta de informações, sistematização e interpretação das informações, julgamento de valor do objeto avaliado através das informações tratadas e decifrado; a avaliação se materializa numa variedade de instrumentos, por isso a necessidade de ser contínuo, o que significa garantir uma relação lógica entre os diversos instrumentos utilizados no processo avaliativo, busca sempre uma coerência pedagógica e didática entre eles. Para Silva (2006) desenvolver uma nova postura avaliativa requer desconstruir e reconstruir a concepção e a prática da avaliação e romper com a cultura de memorização, classificação, seleção e exclusão, tão presente no sistema de ensino.

Os métodos de avaliação ocupam um espaço relevante no conjunto das práticas pedagógicas aplicadas aos processos de ensino e aprendizagem. Avaliar, não se resume à mecânica do conceito formal e estatístico; não é, simplesmente, atribuir notas, obrigatórias à decisão de avanço ou retenção em determinada disciplina, diz Oliveira, 2006, p. 72.

Para Oliveira (2006), existem três funções da avaliação: diagnóstico, verificação e apreciação; citando (MIRAS; SOLE, 1996, p. 43) a avaliação diagnóstica “é a que proporciona informações acerca das capacidades do aluno antes de iniciar um processo de ensino-aprendizagem”.

A segunda função liga-se à avaliação formativa, através da qual é possível segundo Haydt (1995) citado por Oliveira (2006), constatar se estão os alunos, de fato, atingindo os objetivos pretendidos, verifica a compatibilidade entre tais objetivos e os resultados efetivamente alcançados durante o desenvolvimento das atividades propostas.

Ainda segundo Oliveira (2006), representa esta forma de avaliação o principal meio através do qual o estudante passa a conhecer seus erros e acertos, encontra, assim, maior estímulo para um estudo sistemático dos conteúdos. Outro aspecto importante, destacado, é o da orientação fornecida por este tipo de avaliação, tanto ao estudo do aluno como ao trabalho do professor, principalmente através de mecanismos de feedback. Estes mecanismos permitiriam, ao professor “detectar e identificar deficiências na forma de ensinar, possibilita reformulações no seu trabalho didático, visando a aperfeiçoá-lo” (HAYDT, 1995 citado por OLIVEIRA, 2006). A última função é representada pela *avaliação somativa*, cujo objetivo é “determinar o grau de domínio do aluno em uma área de aprendizagem”, o que permite outorgar uma qualificação que, por sua vez, pode ser utilizada como um sinal de credibilidade da aprendizagem realizada.

O autor salienta ainda que, os mecanismos avaliativos devem pretender verificar, principalmente, a *qualidade* do processo de ensino-aprendizagem, revelando dificuldades, carências e inquietações dos alunos e reorientando o trabalho do professor, na superação dos fatores limitativos da plenitude possível na aprendizagem. Não se trata de descartar, portanto, a extensão (quantidade) do que é adquirido pelo discente no processo, mas de proporcionar uma sintonia entre os aspectos qualitativo e quantitativo. O que se pode verificar mais constantemente na avaliação dos estudantes do Ensino Superior nos dias atuais é uma valorização excessiva do aspecto quantitativo, em detrimento da verificação da qualidade do que é ensinado e aprendido. Busca-se evitar, desta forma, que o aluno transforme-se em um

mero copiador, um assimilador passivo de conteúdos. Desta forma, é preciso entender, fundamentalmente, que o discente dos cursos superiores não é mais o aluno dos cursos médios, conduzido, tradicionalmente, a reproduzir aquilo que lhe é transmitido na sala de aula, com raras oportunidades à crítica e à participação efetiva no processo que, afinal de contas, constrói aquilo que ele sabe. Esta perpetuação do que poderia ser chamado de *mentalidade colegial* é ressaltada pela exigência, no meio acadêmico, da freqüência do aluno à sala de aula, utilizada, inclusive, como critério de retenção, em algumas ocasiões. Como parte de uma proposta mais ampla, com a finalidade de permitir avaliações verdadeiramente iluminadoras, insere-se a liberdade acadêmica, conserva a autonomia intelectual dos professores e concede ao estudante – um adulto – a responsabilidade sobre si mesmo; ou, ainda, como mencionava Jaspers (1961) citado por Oliveira (2006), preserva a qualidade do ensino, já que segundo o autor, tal qualidade entra em declínio quando a presença em certos cursos ou seminários torna-se obrigatória, o que transformaria a universidade em uma escola comum, matando o entusiasmo e deixando, em seu lugar, a memorização dos conteúdos e um certo saber técnico. De tal maneira tornando formação pedagógica pobre - ou inexistente - que, geralmente, caracteriza os docentes de nível superior, e será possível compreender a extensão da dificuldade, com o aparente desvio dos objetivos da avaliação; tudo isto em uma época de transição paradigmática para uma ciência pós - moderna nas universidades, inclui, como pano de fundo, o cenário da nova ordem capitalista da globalização, exige que os profissionais formados no Ensino Superior apresentem um grau bastante elevado de diversidade e segurança em seus conhecimentos. Para Oliveira (2006) é importante, que uma possível visão voltada aos aspectos qualitativos e orientadores da avaliação deveria iniciar-se desde o primeiro ano no ensino superior, proporciona, desde cedo aos alunos, a necessária oportunidade de adaptação ao método. E avaliações de qualidade, oportunas e orientadoras são auxiliares legítimas da construção do conhecimento em aspecto amplo.

4. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada segundo a tradição qualitativa, pois Sâmara e Barros (2002, p.32) dizem que a pesquisa qualitativa tem como característica principal “compreender as relações de consumo em profundidades”. Sendo-lhe atribuída a análise qualitativa das informações obtidas, esse estudo procura identificar as motivações de consumo em um aspecto realista respondendo as questões: Como? Que imagem? Que sugestões? Para verificar a aceitação do público.

Por outro lado, Kirk e Miller (1986) citado por Mattar (1993), afirmaram que tecnicamente a pesquisa qualitativa identifica a presença ou ausência de algo, enquanto a quantitativa procura medir o grau em que algo está presente. Na pesquisa qualitativa os dados são colhidos através de perguntas abertas sendo, questionários em entrevista em grupos, entrevistas individuais em profundidade e em testes projetivos.

De acordo com (MC DANIEL;GATES, 2003) a pesquisa qualitativa é um termo usado com alguma liberdade. Ele significa que os resultados da pesquisa não estão sujeitos a uma análise de quantificação ou qualitativa. Ela pode ser usada para analisar as atitudes, os sentimentos e as motivações de um grande usuário.

Para (MC DANIEL;GATES, 2003) a pesquisa qualitativa continua a crescer sem abalos devido a sua popularidade, porque ela em geral é muito mais barata do que a quantitativa. E também porque não existe maneira melhor do que a pesquisa qualitativa para compreender a fundo as motivações e os sentimentos dos consumidores.

Podemos perceber que a pesquisa qualitativa tem o objetivo de saber o que as pessoas têm em mente, e só através do método qualitativo podemos conhecer os sentimentos, pensamentos, as intenções, comportamentos e atitudes dos indivíduos, que levam a agir de uma certa maneira. E que é analisada em tempo real e com caráter de liberdade para obter informações necessárias.

A pesquisa qualitativa foi orientada para o desenvolvimento de um estudo de caso. Yin (1981) citado por Roesch (1999, p. 36) que, conforme afirma que “o estudo de caso, é uma estratégia de pesquisa que busca examinar em fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto”. Estudos de caso diferem do método histórico por se referirem ao presente e não ao passado. Visto que muitos confundem estudo de caso com método qualitativo. Yin (1981) discorda desta posição e explica que o estudo de caso tanto pode trabalhar com evidência quantitativa e qualitativa.

Yin (2001) acredita que é mais apropriado classificar o estudo de caso como uma abordagem qualitativa, justamente porque com frequência os estudos de caso iniciam com um esquema conceitual fraco. De acordo com (GIL, 2002) o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais, pois consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Nas ciências biomédicas, o estudo de caso costuma ser utilizado para esclarecimento do campo da pesquisa em seus múltiplos aspectos quanto para a descrição de síndromes raras. Assim seus resultados são apresentados na condição de hipóteses, não de conclusões. Hoje o estudo de caso, é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (YIN, 2001).

Já nas ciências sociais, a distinção, o fenômeno e seu contexto representa uma das grandes dificuldades com que se deparam os pesquisadores, o que, até mesmo, chega a impedir o tratamento de determinados problemas mediante procedimentos caracterizados pelo alto nível de estruturação, como os experimentos e levantamentos. Então, a utilização do estudo de caso, surge com diferentes propósitos: como explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definido preservar o caráter unitário do objetivo estudado, descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação, explica as variáveis causas de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Interessante que para Roesch (1999, p. 75), “o estudo de caso é um método de examinar um fenômeno dentro de um contexto se referindo ao momento em que está acontecendo, ou seja, o presente”. Agora para (GIL, 2002, p. 47), é um “estudo com profundidade que visa buscar ao conhecimento detalhado por meio de bastante investigação e exploração” para explicar as variações de determinado fenômeno, porém ele fala de certas dificuldades que o pesquisador pode encontrar no que concerne o levantamento e experimentos da pesquisa. O autor até mesmo se refere o estudo de caso nas ciências biomédicas para descobrir o que acontece em uma síndrome rara, de modo que é preciso um estudo bem detalhado e profundo do assunto, assim há possibilidade de trazer condições de resolver o problema.

O adotado foi o enfoque exploratório e descritivo. Uma pesquisa exploratória “é pouco ou nada estruturada em procedimentos e seus objetivos são pouco definidos. Seus propósitos imediatos são os de ganhar maior conhecimento sobre um tema, desenvolver hipóteses para serem testadas e aprofundar questões a serem estudadas”, segundo Mattar (1993, p. 34).

Para (SAMARA; BARROS, 2002, p. 50), os estudos exploratórios têm como principais características “a informalidade, a flexibilidade e a criatividade” e “neles procura-se obter um primeiro contato com a situação a ser pesquisada ou um melhor conhecimento sobre o objetivo em estudo, levantando hipóteses a serem confirmadas”. Citam também as vantagens, que é obter informações a baixo custo, já que possibilita a investigação de informações existentes de conversas informais, porém como desvantagem, dizem que é a possível obsolescência dessas informações, por falta de atualização ou a inexistência de dados fundamentais.

É descritivo porque procura descrever situações de mercado a partir de dados primários, obtidos originalmente por meio de entrevistas pessoais ou discussões em grupo, relacionando e confirmando as hipóteses levantadas na definição do problema de pesquisa (SAMARA; BARROS, 2002).

Aaker (2004, p. 39) diz que a pesquisa exploratória é usada “quando se busca um entendimento sobre a natureza geral de um problema, as possíveis hipóteses alternativas e as variáveis relevantes que precisam ser consideradas”. Normalmente, “existe pouco conhecimento prévio daquilo que se pretende conseguir”. Aqui os métodos são muito flexíveis, não estruturados e qualitativos, para que o pesquisador comece, seu estudo sem preconceito sobre aquilo que será encontrado. Ela é também útil para o estabelecimento de prioridade entre questões de pesquisa e para o aprendizado sobre os problemas práticos na execução do trabalho.

A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses, sendo que seu objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível, com a função de possibilitar a consideração dos mais variados aspectos ao assunto estudado. E na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências, práticas como o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão, (SELLTIZ, 1967 citado por GIL, 2002, p. 63).

Com respeito à pesquisa descritiva, (GIL, 2002, p. 64) comenta que ela tem como objetivo primordial a “descrição das características de determinada população, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Entre as pesquisas descritivas, salientam-se aqueles que tem por objetivo estudar as características de um grupo, como nível de escolaridade, sexo, etc. outros tem por objetivo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população. As pesquisas descritivas são juntamente com as exploratórias que habitualmente

realizam aos pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais e etc.

Para Malhotra (2001, p. 70) o objetivo da pesquisa exploratória é “explorar um problema ou uma situação para prover critérios e compreensão”. Ela pode ser usada para formular um problema ou defini-lo com maior precisão; identificar custos alternativos de ação; desenvolver hipóteses; isolar variáveis e relações-chave para exame posterior; obter critérios para desenvolver uma abordagem do problema; estabelecer prioridades para pesquisas posteriores. Em geral, é significativa em qualquer situação da qual o pesquisador não disponha do entendimento suficiente para prosseguir com o projeto de pesquisa. Ela é caracterizada por flexibilidade e versatilidade com respeito aos métodos; aqui os pesquisadores estão sempre alerta para novas idéias e dados.

Com respeito ao enfoque descritivo, para o autor o principal objetivo é descrever alguma coisa, normalmente característica ou funções de mercado. Uma concepção descritiva requer uma especificação clara de quem, o que, quando, onde, por que e a maneira da pesquisa. A pesquisa descritiva, ao contrário da exploratória, é marcada por um enunciado claro do problema, hipóteses específicas e necessidades detalhadas de informações.

Podemos observar que tanto Sâmara e Barros (2002) e Malhotra (2001) concordam que a pesquisa exploratória tem como característica a flexibilidade, o que permite ao pesquisador não ficar preso somente em um aspecto e que pode ocorrer certas mudanças devido à informalidade. Outro aspecto é com respeito ao que será estudado, porque visto que é algo novo que será explorado, é preciso que seja criativo ao estar em contato com a situação de obter conhecimento sobre o assunto. Já para Mattar (1993), critica a pesquisa exploratória por dizer que não tem estrutura nos procedimentos e seus objetivos são poucos definidos. Para Aaker (2004), mostra que há uma grande flexibilidade nessa questão para se obter maior liberdade na obtenção de conhecimento sobre o que está sendo estudado.

A pesquisa descritiva, como o próprio nome já diz, seu objetivo é descrever alguma coisa, com relação aos aspectos do ambiente relacionados ao que está sendo estudado. Para Sâmara e Barros (2002), isso pode acontecer por meio de entrevistas pessoais ou discussões em grupo. Já Gil (2002, p. 44), diz: “o objetivo primordial é descrever as características de determinada população”.

Assim podemos entender que a pesquisa descritiva estuda as características, as maneiras e os aspectos que estão em torno de certo comportamento.

A coleta de dados realizou-se no período de maio a junho. Escolheram-se os cursos de Administração com Habilitação em Administração de Empresas, Administração com

Habilitação em Gestão de Sistemas de Informação e Administração com Habilitação em Administração Rural e os períodos de 1º e 7º intencionalmente já que o objetivo da pesquisa foi investigar as opiniões de alunos universitários dos primeiros e dos últimos períodos do curso de Administração sobre o processo de avaliação. Para a coleta de dados utilizou-se depoimento escrito.

Quadro 01. Aluno segundo o curso e semestre		
	1º semestre	7º semestre
Adm. Rural	22	20
Adm. Gestão	38	27
Adm. Empresa	57	30

As entrevistas envolveram 31 alunos dos diferentes cursos, nos 1º e 7º semestres. Para analisar os dados foi utilizada uma comparação constante das respostas.

5. COLETAS DE DADOS

Por que se avalia?

A avaliação é um exercício mental que permite a análise, o conhecimento, o diagnóstico, a medida e/ou julgamento de um objeto. Esse objeto deve ser a própria realidade daqueles que a fazem. Avaliar seria um processo de autoconhecimento e também, o conhecimento da realidade e da relação dos sujeitos e das pessoas que a mantêm. (OSÓRIO, 2006).

E segundo Esteban (1996) citado por Osório (2006), considera que avaliar significa investigar o movimento de construção do conhecimento pelo aluno, mediando pela ação escolar.

As respostas dos estudantes acerca dos motivos pelos quais os professores avaliam os alunos revelam opiniões que podem ser identificadas a partir de três funções (ou subcategorias) básicas que foram denominadas como: função didática, função burocrática e função de acompanhamento do ensino.

Grande parte das respostas revela que a avaliação da aprendizagem cumpre dois tipos de funções: a burocrática e a didática. Nas respostas dos alunos tais funções ora aparecem separadamente ora em conjunto.

O maior número de respostas destaca a função didática da avaliação. Segundo estes alunos os docentes usam a avaliação para saber, ver, verificar, medir, testar a aprendizagem, o conhecimento, a matéria ou conteúdo ensinado. Isto é expresso, pelos estudantes, da seguinte forma:

“Para que possa verificar se o aluno realmente aprendeu e também para ver se o aluno tem a capacidade e a facilidade de transcrever suas opiniões” (7P)

“Com o intuito de obter um feedback por parte do indivíduo que está sendo avaliado, visa saber se houve algum aprendizado” (7P)

“Para um exame de comprovação de conhecimento” (1P)

“Para conhecer o aprendizado do aluno” (1P)

“Há necessidade de avaliar para medir o conhecimento adquirido por cada indivíduo” (1P)

“É uma forma de se ver o que os alunos absorvem do conteúdo ministrado pelo professor” (7P)

“Para analisar o grau de conhecimento de um indivíduo, a fim de saber o que este absorveu nos estudos e qual é a sua capacidade” (7P)

“É para ver se o aluno teve o conhecimento do conteúdo que foi exposto” (1P)

“Para testar os conhecimentos obtidos durante as aulas” (1P)

“Para medir o desempenho de cada pessoa” (1P)

“Para saber se houve conhecimento” (7P)

“Para ver a capacidade e o aprendizado de cada um dos intermediários e para buscar resultados” (1P)

“Para avaliar os conhecimentos” (7P)

Para um outro grupo de alunos a função didática aparece associada à função denominada burocrática, como ilustrado a seguir:

“Os professores utilizam para que possam saber se o conteúdo passado por eles foi absorvido por seus alunos” (7P)

“Acredito que seja para testar conhecimentos, seguindo normas exigidas pelas entidades de ensino” (7P)

“Saber o quanto o aluno aprendeu sobre determinado assunto”(1P)

“Avalia-se para verificar a aprendizagem e dificuldade no processo ensino-aprendizagem” (7P)

Existem aqueles alunos que entendem a avaliação como um processo de acompanhamento do ensino e pode ser observada nos depoimentos abaixo:

“Para que se veja, se o que foi passado para as pessoas teve um ótimo resultado. A avaliação é necessária a quem passou o aprendizado tenha certeza de que seu trabalho foi bem feito” (1P)

“Porque essa é a forma mais fácil de saber se tudo que ele passou para os alunos foi captado e se o aluno foi bem instruído”(1P)

“Avalia-se para verificar o aprendizado do aluno. É também uma forma de auto-avaliação do professor” (7P)

“Para saber se os meus objetivos foram alcançados” (1P)

“Para ter a oportunidade de buscar melhorias no aprendizado, formas a ser explorada para melhorar dedicação aos estudos com a colaboração dos professores”. (1P)

Qual a importância da avaliação?

Com base nas respostas dos alunos, (DALBEN, 1997 citado por MADUREIRA, 2006), afirma que

avaliar refere-se a um processo de conhecimento e investigação. Avaliamos para produzir o saber. O saber sobre o nosso aluno e o processo de ensino. Avaliamos para estabelecer a relação entre o conhecimento que detemos e o conhecimento que outra detém, sobre as possibilidades de se conhecer mais e criar novas formas para isso.

Alguns alunos destacam que a avaliação é importante tanto para o aluno quanto para o professor. Nos depoimentos a seguir é possível verificar como estas opiniões se explicitam.

“A avaliação tem uma importância muito grande para os professores” (7G)

“A avaliação é importante tanto para quem ensina como para quem aprende, pois ela é um recurso que mostra o sucesso na aprendizagem. Só através dela é capaz de acompanhar o desenvolvimento do aprendiz. A avaliação não é um processo isolado e sim um processo contínuo” (7R)

“É muito importante para até o próprio professor ver se o seu conteúdo foi entendido pelos alunos” (1G)

“Ela é importante porque através da avaliação tanto o professor como os alunos podem descobrir onde estão as dificuldades do aluno” (1G)

“É importante para que eu saiba onde estou em dúvida ou falha com a matéria dos professores. É uma forma do professor saber se tudo aquilo que ele passou foi mesmo captado pelo aluno sem dúvidas” (1 E)

“A avaliação é importante, pois através dela é desde detectado se a forma com que foi ensinado obteve resultado. Se não houver resultado positivo haverá a necessidade a mudança de planos” (1E)

“A avaliação é importante para que os educadores tenham noção do que eles tentaram passar para os alunos, foi aproveitado de uma boa maneira e se eles estão aptos, ou seja, prontos para desempenhar o seu papel na sociedade” (1E)

Existem aqueles que apontam que a avaliação é importante para o próprio aluno e expõem suas razões:

“Para verificação é fazer com que o aluno se interesse pela matéria dada” (1G)

“Pra mim é importante porque avalia o grau do nosso conhecimento para que a avaliação pode melhorar e aperfeiçoar nossos conhecimentos” (7R)

“Para a conferência de como estou me desenvolvendo a cada disciplina e podendo cada vez estudar para melhorar meu desempenho” (1G)

“Às vezes ela é tão necessária a que os alunos se atentem a matéria estudada, sabendo que serão avaliados, os alunos podem se esforçar mais” (7G)

“Avaliações são importante em tudo que fazemos, pois, através dela avaliamos nossa vida, nosso trabalho e as pessoas que trabalham conosco” (1G)

“De fundamental importância, pois assim mostrarei se realmente tenho domínio sobre o conteúdo estudado” (1G)

“Saber quais as áreas estão possuindo melhor desempenho ou limitações” (7R)

“Ela permite ter uma posição melhor do conhecimento que se foi adquirido durante o ensino ministrado” (7G)

“É importante para se obter o grau de conhecimento assimilado. É relevante conhecer o grau de discernimento que cada aluno apresenta” (7E)

“A avaliação reflete o grau de aprendizado do aluno. É o momento para o aluno se avaliar e ver se realmente está aprendendo” (7E)

Embora, parte significativa dos alunos considera a avaliação importante, alguns demonstram divergência quando explicam o porquê por dizerem que a avaliação é importante para testar, medir, concretizar conhecimento e competência, observe os depoimentos:

“Para que se meça o quanto se aprendeu e quais os pontos a serem melhorados no dia a dia e na didática de ensino” (7E)

“Para pressionar os alunos a estudarem” (1R)

“Para saber se uma pessoa é capaz de realizar uma atividade (estudo, trabalho) de forma satisfatória” (7G)

“Sempre vi a avaliação como uma pressão obrigatória, mas necessária feita, em prazo corrido. É importante para testar conhecimento, nem sempre é uma luz no fim do túnel...” (1E)

“A importância de uma avaliação é saber se houve concretização do aprendizado” (7E)

“Para ter certeza da competência” (1R)

“É importante para analisar se houve conhecimento” (7G)

“É um meio de se medir o que foi aprendido” (1G)

“A importância da avaliação é para auto-avaliar tudo aquilo o que foi comentado ou discutido em sala para mostrar o quanto é necessária” (1R)

“Num contexto de aprendizagem considero o item de menor importância, pois dependendo das técnicas a serem utilizados, o resultado pode não ser o real” (7E)

“Para ver o quanto adquire conhecimento” (7G)

“Para testar se os conhecimentos foram absorvidos, uma forma de rever a matéria passada, aprimorando as informações passadas pelos professores” (7E)

Quais são os sentimentos a respeito do processo de avaliação?

Para um grupo de alunos a avaliação desperta sentimentos negativos reveladores de tensão, nervosismo, ansiedade, angústia, insegurança e desconforto. Outra parcela de alunos declara que são contra a avaliação. Um terceiro grupo, um pouco menos representativo disseram que a avaliação é vital, eficiente e estimula a buscar mais conhecimento no processo de aprendizagem.

Alguns trechos ilustrados nos mostram o tipo de sentimento negativo:

“Se eu tiver entendido o conteúdo eu fico normal, mas se ficarem dúvidas sobre o conteúdo fico nervosa e erro até as questões que eu sabia” (1G)

“Ansiedade, nervosismo” (7G)

“Medo de não corresponder as minhas expectativas” (7R)

“Vejo que ele é essencial, mas confesso que sempre que tenho que passar por ele, bate-me uma certa ansiedade e um nervosismo pré-avaliação” (7G)

“Sentimento de angústia por querer dar o melhor de mim, e de medo de conseguir” (1E)

“Geralmente a avaliação causa medo e apreensão nos alunos. Comigo não é diferente” (1G)

“Quando a matéria é muito complicada, o nervosismo é muito grande. Tenho medo de tirar nota ruim” (1G)

“Predomina o sentimento de temor sempre que se é avaliado, o emocional é abalado, o que muitas vezes atrapalha o desempenho do aluno” (7R)

“Quando a pessoa não está preparada pode ser até uma exclusão ou satisfação” (1R)

“Causa-me nervosismo” (1R)

“Pra mim é a melhor forma, pois é possível distinguir uma pessoa que consegue resolver uma atividade melhor que outra pessoa” (7G)

“No momento da avaliação é um pouco tenso, mas gosto de avaliações, pois dizem-me onde errei para melhorar e onde acertei, assim melhora constantemente tanto no pessoal, acadêmico e profissional” (7E)

“A avaliação é utilizada hoje, como instrumento de punição do aluno e por vezes sinto medo de realizá-la” (7E)

Alguns trechos mostram alguns alunos são contra a avaliação:

“Indiferente, creio que nem sempre deveria haver avaliação, pesquisas e seminários são mais absorvidos” (1G)

“Esse processo de avaliação não cabe em todas as disciplinas. É importante lembrar que cada regra tem sua exceção” (1E)

“Não são muito positivos, pois notamos que nos avaliam em coisas que não são de muita importância e valor” (7E)

“Nem sempre em uma avaliação mostra se realmente o conhecimento foi absorvido” (7G)

“Não sou muito a favor porque na minha opinião não se pode julgar o conhecimento através de processo avaliativo” (1E)

“A avaliação não mostra nenhum grau de aprendizagem do aluno”(7G)

“Depende do momento e como é a avaliação, às vezes o dia não foi bem, a avaliação não terá sentido algum para mim, dependendo do tipo, não mede conhecimento de ninguém” (7G)

“Pode ser bons e ruins, depende da técnica utilizada. Prefiro técnicas à avaliação, conhecimento específico e não as que avaliam um determinado momento” (7E)

Terceiro grupo falou de modo positivo sobre as avaliações, conforme os depoimentos abaixo:

“Eu gosto de ser avaliado porque posso consertar meus erros e melhorar meu aprendizado” (1G)

“Eu acho um conceito muito eficiente e uma ótima forma didática como método para se verificar um resultado” (1E)

“Eu acho interessante quando utilizada de uma forma que faça o aluno buscar mais conhecimentos” (7E)

“Não tenho nada contra a avaliação, pois ela nos ensina a ter mais capacidade no aprendizado” (1R)

“Deve-se avaliar para se saber o grau de conhecimento do aluno e aplicar possíveis correções como precise. Vital em qualquer processo de ensino” (7E)

“De responsabilidade de ambas as partes, que eu possa sobressair e aprender, que o professor possa ser coerente em suas atividades e critérios” (1G)

“Espero que seja avaliado bem, pois procuro fazer o melhor” (1G)

O que você acha dos instrumentos e técnicas utilizados pelos professores?

Sobre técnicas e instrumentos utilizados o professor e consultor do MEC, Silva (2006), diz que

é indispensável ter clareza a respeito do que se pretende avaliar, para poder realizar o que se pretende, e saber qual metodologia adotar e quais recursos utilizar; pois cada contexto tem suas especialidades. Ao se construir esse instrumento de avaliação tem de ser coerente com a prática pedagógica do professor e com o que for ensinado. Não se pode ensinar de uma forma e avaliar de outra, é preciso haver coerência.

Um grupo de alunos, sendo estes a maioria do 7º período diz que os instrumentos e as técnicas são relevantes, porém mostram insatisfeitos quanto aos métodos por dizerem que já estão ultrapassadas, muitas das vezes até confusas, que os professores são rígidos, e visto que a “prova” é ainda muito utilizada, alguns acreditam que trabalhos em grupo e individual são mais interessantes.

Para uma parcela de alunos, encaram o mesmo item de modo positivo e dizem que os instrumentos e as técnicas que os professores utilizam são ótimos, interessantes, eficientes e que isso depende de cada professor.

Observe os comentários dos alunos que são insatisfeitos quanto aos métodos:

“Todos são relevantes, mas acredito que trabalhos exigidos que se entregue escrito e não haja apresentação, o aluno faz por fazer e muitas vezes nem sabe o conteúdo do que se entrega” (7E)

“Em relação à prova, acho que não mostra se o aluno sabe a matéria, pois no dia da avaliação, ele não pode estar bem. Em relação a trabalho, penso que uma das melhores formas de avaliação” (7G)

“Muito rígido” (1R)

“Já está meio ultrapassado, os professores devem buscar novos meios de avaliar os alunos” (7G)

“Já tive professores que cobravam mais dos alunos, os professores da faculdade tem uma nota ‘BOM’, os instrumentos de avaliação estão deixando muito a desejar; as provas estão muito simples e aplicando muito trabalho escrito, um meio que não incentiva o aluno a ler” (7G)

“Algumas muito confusas, o aluno não sabe ao certo se está sendo avaliado e como está sendo avaliado. Já a forma por meio de provas escritas (modo tradicional) é a mais fraca” (7E)

“Às vezes interessante” (1G)

“A avaliação escrita não é tão eficiente, já os trabalhos em grupo ou individual faz com que os alunos aprendam mais” (7E)

“Acredito que exista outros meios de avaliar o aluno além da ‘prova’, que é o método mais utilizado. Mas no geral, sinto que os professores estão tentando adequar a VA a sua disciplina, dosando a prova com trabalhos em grupo e seminários” (7E)

“São bons, mas acredito que alguns casos podem melhorar” (7G)

“... as técnicas e os instrumentos utilizados nem sempre mostram uma aprendizagem concretizada, pois se avalia muito com base numa teoria escrita, e isto nem sempre revela aprendizagem” (7R)

Alguns depoimentos dos alunos que encaram os métodos utilizados pelos professores com otimismo seguem abaixo:

“São ótimos, pois inclui tudo dentro de seus objetivos com fins de aprendizagem para o aluno” (1R)

“Interessantes, pois cada professor tem uma maneira de fazer com que o aluno se interesse e ajuda a obter mais conhecimento” (7G)

“Depende porque tem alguns professores que são muito carrascos em sua avaliação, ms a maioria é ótima a sua avaliação e o que usa para se avaliar” (1G)

“Gosto e admiro pensamentos e ações de alguns professores; acho legal” (1E)

“Que utilizam de métodos convencionais, mas eficientes em certos pontos, principalmente quando avaliações escritas, pois deixa o aluno nervoso e com isso a qualidade cai. Mas é bom” (7E)

“Neste período está bom, pois avalia muito o desenvolvimento de cada aluno” (7R)

“Cada um tem um jeito próprio de avaliar, mas todos têm métodos eficientes de avaliação” (1G)

“São técnicas inteligentes, pois fazem que fiquemos interessados no conteúdo lançado” (7R)

“Legal, porque a maioria utilizada não demonstra pressão. Onde se pode demonstrar o conhecimento adquirido de forma ilustrativa e participativa” (7G)

“Muito bom. Mas nunca deixar de fazer com que o aluno se acomode e prepará-lo sempre a competição” (1G)

“São ótimos, porque os professores são muito bem qualificados e a maneira que tais usam, para avaliar, não podia ser melhor” (1E)

“Alguns usam técnicas boas como seminários, eu acho que seja uma das melhores técnicas de avaliação” (7G)

“Boas, varia de professor para professor e cada um tem seu método de avaliar olhando as dificuldades dos alunos” (1G)

“Imagino que é o caminho certo, pois há uma variedade de tipos de avaliações, pois um aluno em determinado dia está preparado e outros não” (7E)

Existe alguma relação entre ensino e avaliação?

O professor Silva (2006) considera que “ao se avaliar a aprendizagem também está se avaliando o ensino, ou seja, a avaliação é a medição entre o ensino”. Assim, quando indagados a respeito de que existe uma relação entre ensino e avaliação, a maior parte dos entrevistados disseram que sim e justificaram por dizer que se não houver ensino não tem como fazer avaliação, que o ensino é o caminho para se avaliar e que ambos andam juntos.

Porém, outro grupo um pouco menos representativo disse que não existe nenhuma relação, pois não concordam que a avaliação possa medir conhecimento e aprendizado.

Um terceiro grupo também com pouca representação concorda que existe relação entre ensino e avaliação, no entanto, dizem que deveria haver mudanças e que não é o único meio de verificar o aprendizado do aluno.

A grande maioria se expressou da seguinte maneira, observe seus depoimentos:

“Claro que sim, acredito que uma das maneiras de se ensinar é avaliando, não só aos que estão aprendendo, mas a si mesmo, porque está transmitindo o que você sabe e que um dia também foi avaliado” (1E)

“O ensino é o caminho para o conhecimento, a avaliação e a confirmação, ou não desta aprendizagem. Deve-se avaliar num processo onde observe o qualitativo sobre o quantitativo” (7R)

“É uma forma do professor cobrar do aluno o que foi passado na sala” (1R)

“Sim, pois a avaliação nos dá o feedback do ensino, se foi bom ou ruim” (7E)

“Sim, os dois andam lado a lado, para o professor saber se você entendeu o conteúdo, é preciso aplicar a verificação” (1G)

“Sim, se o aluno aprendeu ele não terá problema para mostrar o que aprendeu” (7G)

“Sim, através de algumas avaliações sabemos se o ensino transmitido por nossos professores são bem passados e bem distribuído em sala de aula” (1E)

“Sim, pois na maioria das vezes se tem uma posição do ensino através da avaliação. Se o ensino está sendo aplicado positivamente, ou seja, transmitindo conhecimento, a avaliação é um forte indicador do conhecimento adquirido” (7G)

“Acredito, pois através da avaliação podemos verificar o quanto aprendemos” (7R)

“Sim, pois se o educando recebe algum aprendizado e assimila, não há por que não ser avaliado” (7E)

“Sim, pois é através do ensino que se pode ser avaliado” (1G)

“Acredito que sim, porque sem o ensino não existe a avaliação e a avaliação não existe sem o ensino, eles são dependentes. (1R)

Alguns trechos sobre aqueles que não acreditam numa relação entre ensino e avaliação:

“Não, pois muitos alunos ao serem avaliados tiram excelentes notas mais o seu aprendizado não foi aquele estipulado na avaliação” (1G)

“Não,... a avaliação não mede conhecimento de ninguém” (7G)

Observe os depoimentos do terceiro grupo que além de concordarem na existência de uma relação entre o ensino e avaliação, dizem que é preciso haver mudanças, porque não é o único meio de se verificar o aprendizado:

“Há relação, mas a avaliação não é o único método de se verificar se houve aprendizado ou não” (1G)

“Há, pois sempre houve avaliação, mas deveria mudar” (1G)

Qual a importância de se discutir os resultados da avaliação?

“A avaliação da aprendizagem deve assumir a dificuldade que a consideração simultânea de todos estes componentes implica longo desenvolvimento, assim ao avaliar o professor deverá coletar, analisar e sintetizar de forma mais objetiva possível”. (LUCKESI, 1991 citado por CHAVES, 2006); diante da afirmação, para os entrevistados tanto os primeiros e os sétimos períodos, afirmaram que discutir os resultados da avaliação é muito importante porque ela mostra onde estão os erros e dá a oportunidade de uma análise de erro e deve corrigir para que não aconteça novamente; ainda outros dizem que servem para esclarecer as dúvidas que ficaram, com isso estão adquirindo conhecimento e assimila mais o conteúdo conforme afirmaram.

Uma pequena parcela de alunos afirma que discutir os resultados da avaliação é importante para o aluno como o professor, pois os dois podem observar os erros e falhas e corrigi-los para que há melhorias na arte de ensino e aprender.

Veja nos depoimentos abaixo o que a grande maioria respondeu:

“Mostrar ao aluno onde houve erro, e qual seria a forma certa de responder a avaliação” (1G)

“Para revelar os pontos errados e que ficaram completos” (1E)

“É muito relevante, pois o aluno poderá analisar os pontos que errou e devera com isso ter mais conhecimento” (7G)

“É ver onde melhorar, e continuar no caminho certo, com possibilidade de consertar onde errou” (1R)

“É importante para transmitir mais uma vez o conhecimento dos alunos” (7G)

“É uma forma de você corrigir os seus erros” (1R)

“Mostrar onde e o porque houve os erros, pois assim podemos melhorar” (7R)

“Para melhorar na próxima, verificar os erros da avaliação para corrigir e observar os acertos para permanecê-los ” (7E)

“É importante porque através da discussão pode tirar as dúvidas a respeito da avaliação” (7G)

“Toda avaliação feita deve discutir o seu resultado, porque nos seres humanos somos de opiniões diferentes e nem tudo o que eu penso realmente seja certo” (1R)

“Importantíssimo, pois é um momento para confirmar seu aprendizado e sanar as dúvidas ocorridas na avaliação, a fim de haver maior assimilação do que fora estudado” (7E)

“Desta forma tiraremos todas as dúvidas sobre o conteúdo” (1G)

“A avaliação não é um processo isolado, que termina, mas um processo contínuo. O resultado da avaliação deve ser discutido sempre, principalmente quando este é insuficiente e não deve se dar por acabado, pois diante do resultado insatisfatório deve-se iniciar o processo de recuperar o que não foi uma aprendizagem satisfatória” (7R)

“Que na maioria o ensino e o conhecimento entra em contradição, não sabemos expressar claramente na avaliação e com a surpresa é sempre bom que se discuta muitas vezes para esclarecer dúvidas” (1G)

“É neste momento que se verifica quais foram os pontos negativos e positivos, pode-se evitar que os indesejados repitam” (7G)

Alguns trechos ilustrativos nos mostram que para alguns é importante discutir os resultados da avaliação tanto para o aluno como para o professor:

“É importante para que o aluno possa observar, que ele às vezes errou por falta de atenção ou se foi do professor” (7G)

“É importante que se discuta entre os avaliadores o resultado e que se esclareça entre eles uma boa resposta para seus avaliados” (1E)

“Ao se discutir os resultados, tanto o aluno e o professor pode-se avaliar e ver os erros cometidos e corrigir as falhas encontradas, na aprendizagem e a maneira de transmitir a informação” (7E)

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De modo que foi percebido entre os alunos, sendo na maioria do 7º período, estes se mostraram insatisfeitos quanto à prática de avaliação que alguns professores utilizam, pois para eles provas já são ultrapassadas e precisam buscar novos meios de avaliar, embora para os 1º períodos pensam que os métodos são ótimos. Na opinião dos alunos, o processo avaliativo da instituição envolve a didática, burocracia e acompanhamento do ensino. Para a maioria, ambos o processo decorre da importância de se avaliar e essa tarefa acontece com o intuito de querer saber, conhecer, ver, verificar, testar a aprendizagem e o conhecimento que adquiriram.

Percebe-se que na visão dos alunos, eles esperam mais dos professores que tragam a eles métodos reais, de maneira que podem testar os conhecimentos e aplicá-los no dia-a-dia.

O estudo realizado foi de uma importância para os alunos, no que se refere a ficarem atentos ao ensino, e este é o caminho que o professor guia os alunos com a finalidade de obter o conhecimento, de aprender; sendo que todos estão ali com o mesmo objetivo. Da mesma forma, é importante para a instituição – Facer – ficar atenta também, na questão de como lidar com seus alunos, pois ela não deve se esquecer que é uma organização institucional e que deve oferecer o melhor para seus clientes – alunos – pois quando o aluno sai da faculdade deve estar pronto para assumir um posicionamento no mercado de trabalho. É relevante também para que a faculdade veja como que os alunos estão entrando e saindo da instituição.

No que concerne a isso se percebe que os alunos que entram na faculdade, ainda estão muito ligados à forma de trabalhar ao ensino médio (2º grau) e isso é muito ruim porque os alunos levam um choque de cultura, pois faculdade tem a função de fazer com que o aluno busque a informação para transformá-la em conhecimento.

Por outro lado, os que estão saindo; estão mais maduros, sabem cobrar mais, não ficam satisfeitos com qualquer coisa, porque quer inovação da instituição e dos professores também quanto aos métodos de ensino e avaliação que deveria ser mais profundo. Aqui os alunos mostram que são mais críticos e insensíveis.

7. CONCLUSÃO

Educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs. E para formá-los na sua totalidade, é preciso desenvolver o senso crítico, transmitir conteúdo e formar pessoas que possuam capacidades cognitivas ou intelectuais e relação interpessoal, a tornar uma pessoa equilibrada e solidária.

O presente trabalho procurou investigar as opiniões de alunos universitários dos primeiros e dos últimos períodos do curso de Administração a respeito do tema “Verificação de Aprendizagem”.

Evidenciou-se que, por ser a avaliação um processo complexo, não admite modelos prontos e acabados; porém o ato de avaliar faz-se presente em qualquer metodologia utilizada.

O resultado da pesquisa revelou que a prática da avaliação de aprendizagem utilizada na instituição para os alunos é preciso melhorar, buscar técnicas mais profundas que auxiliam em aumentar o conhecimento. Notou também, através das observações realizadas, que o ensino é um grande aspecto envolvido no processo de avaliação, pois para muitos se não houver ensino não tem como avaliar, porque o ensino é o caminho para se avaliar.

Para saber como os alunos entram e saem da faculdade é difícil dizer, porque vai depender de cada um, o que era esperado e o que foi alcançado, e também pelo fato de existir aqueles que entram na faculdade em busca de tornar um profissional e aqueles que fazem faculdade por fazer. Mas percebeu que os alunos entram na faculdade e ainda estão apegados à forma que os professores do ensino médio trabalham, chegam sem maturidade, não tem noção do que a faculdade pode oferecer e por ter certa liberdade pensa que tudo é festa. Porém, há certa divergência de opiniões, alguns saem desmotivados para o mercado de trabalho, inseguros pelo fato de ser muito competitivo e pensam que ainda não estão preparados; no entanto há alunos que saem satisfeitos e com objetivo de seguir adiante.

O sistema capitalista em que vivemos impõe para perpetuar a existência de dominantes e dominados, por isso seria bom que alunos e a instituição deixassem de lado as divergências existentes, e sim tivessem em mente a melhoria da qualidade da educação. Como consequência da sociedade é possível adquirir mais conhecimento, discernimento e percepção do que acontece ao nosso redor e no mundo. Para a instituição o estudo também é importante, pois ela está contribuindo para que a sociedade seja mais consciente, exigente e instruída.

Ensinar e aprender são acima de tudo, algo maravilhoso que exige esforço de ambos. Como sugestão, através de inovações e/ou pesquisas futuras a respeito da avaliação poderão

ser de ajuda para melhorar, qualificar os métodos de avaliação para que não torne a avaliação uma ação mecânica, e sim que ela permita uma integração democrática para facilitar a construção do conhecimento no meio acadêmico. E também que a FACER deve investir em buscar professores mais especializados na área específica, utilizar dinâmicas de grupo para haver maior interação do professor com o aluno; realizar trabalhos mais científicos para que o aluno aprenda mais, mostrar a importância das palestras realizadas na faculdade e partir da teoria para prática para mostrar o que aluno realmente aprendeu em sala de aula.

O presente estudo buscou-se melhorias na maneira em que os professores avaliam seus alunos, porque irá refletir em como é a instituição. Embora a avaliação persiste em ser um assunto complexo é importante que o projeto pedagógico seja participativo, que seja feita uma análise de acompanhamento do aluno, para que o aluno veja que ele é a peça fundamental que proporcionará o crescimento da instituição. Assim, acredito que para desenvolver um processo avaliativo é necessário levar em conta alguns pressupostos considerando o nível de ensino, as características do aluno, do curso e da disciplina.

Foi percebido neste trabalho, o quanto é difícil avaliar, saber, analisar atitude de cada indivíduo, pois muitas vezes o ato de avaliar é visto como algo complexo, e realmente é. É notável que o educador tem que avaliar de todo jeito, sendo que para isso é preciso ter conhecimento, habilidade e atitude. Logo, para obter com anseios seus resultados é necessário que de fato haja contribuição do alunado que precisam se esforçar em demonstrar se aprendeu e o que aprendeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAKER, David A. **Pesquisa de Marketing**. Trad. Reynaldo Cavalheiro Marcondes. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- BUSSARELLO, Sandra Regina Maiola. **Avaliação da aprendizagem: uma perspectiva de mudança da prática**. Instituto Catarinense de pós-graduação. Disponível em: www.icpg.com.br. Acesso em 10 fev.2006.
- CHAVES, Sandramara M. **Avaliação da aprendizagem no ensino superior: realidade, complexidade e possibilidades**. Disponível em: www.anped.org.br. Acesso em 10 fev.2006.
- DEPRESBITERIS, Lea. **Avaliação da aprendizagem do ponto de vista técnico-científico e filosófico-político**. Centro de Referência em educação Mario Covas. Disponível em: www.crmariocovas.sp.gov.br. Acesso em 10 fev.2006.
- FREITAS, Marinalva Gualberto de Souza. **Avaliação de ensino/aprendizagem**. Disponível em: <http://marinalva.zip.net>. Acesso em: 12 out. 2006.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MADUREIRA, Eliane Moura Martins. **Avaliação dentro e fora da escola**. Núcleo de Publicações – NUP. Disponível em: www.ced.ufsc.br. Acesso em 21 jul.2006.
- MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MATTAR, Frauze Najib. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 1993.
- MC DANIEL, Carl D. **Pesquisa de Marketing**. Limeira. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- OLIVEIRA, Gerson Pastre de. Avaliação formativa nos cursos superiores: verificações qualitativas no processo de ensino-aprendizagem e a autonomia dos educandos. **Revista Iberoamericana de Educación**. Disponível em: www.riae.org. Acesso em: 22 set. 2006.
- OSÓRIO, Débora. Avaliação do rendimento escolar: como ferramenta de exclusão social. **Revista Pedagogia em foco**. Disponível em: www.pedagogiaemfoco.pro.br. Acesso em 15 fev.2006.
- ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projeto de estágio e de pesquisa em Administração: guias para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudo de casos**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SÂMARA, Beatriz Santos; BARROS, José Carlos de. **Pesquisa de Marketing: conceitos e Metodologia**. 3.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

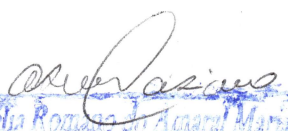
SILVA, Fábio Gomes da; HARTMAN, Adriane; REIS, Dálcio Roberto dos. **A promoção da inovação tecnológica nos processos de ensino/aprendizagem:** um estudo de caso na Faculdade Santa Amélia. Disponível em: www.ppgte.cefet.br. Acesso em 28 jul.2006.

SILVA, Janssen Felipe da. **Avaliação e aprendizagem significativas.** Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/default.htm>. Acesso em 10 set.2006.

_____. **Avaliar... O que é? Quem? Como? Quando?** Ministério da Educação e Cultura. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/default.htm>. Acesso em 21 jul.2006.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e método.** 2.ed. Porto Alegre. Bookman, 2001.

Revisado por


Ana Rozina de Aguiar Maria
Bibliotecária - FACER
CRB nº 1528

APÊNDICE - A**DADOS DO ALUNO**

Nome: Luciana Moreira Notto

Nº da Matrícula: 0407310301

Endereço: Rua Benedito Luiz Dias, Qd. 13, Lt. 23

Setor: Parque Industrial

CEP: 76.310-000

Cidade: Rialma

Estado: Goiás

Telefone: (0xx62) 3397-1049

Celular: (0xx62) 84518621

E-mail: nottolu@yahoo.com.br

Estágio realizado na área: extensão

Empresa: FACER – Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

Resp. pelo estágio na empresa: Mário Ávila

Endereço: Praça Mutum, nº 186, Centro

Fone/Fax: (0xx62) 3325-1749

E-mail: www.facer.edu.br

APÊNDICE – B**QUESTIONÁRIO**

✓ Por que se avalia?

✓ Para você qual a importância da avaliação?

✓ Quais são seus sentimentos a respeito do processo de avaliação?

✓ O que você acha sobre as técnicas e instrumentos de avaliação utilizados pelos seus professores?

✓ Você acredita que haja alguma relação entre ensino e avaliação?

✓ Qual a importância em se discutir os resultados da avaliação?

APÊNDICE – C

CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

Nome da Entidade: FACER – Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

Endereço: Praça Mutum, 186 – Centro

Telefone/fax: (62) 3325-1749

E-mail: www.facer.edu.br

Nomes dos Proprietários ou Grupo Associado:

Composição da Diretoria:

Diretor Presidente: Dom José Carlos

Diretor Administrativo: Vitor Iacovelo

Diretor de Marketing e Planejamento: Helio Rezende

Nome e cargo da Chefia Direta: Zita Pires de Andrade

Nome e Gerente de RH: Vanja Benfica dos Santos Martins

Ramo de Atividade: Educação

Área de Atuação: Ensino Superior

Histórico:

A Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba foi autorizada pelo MEC a funcionar a partir de 1998 com os cursos de Administração com habilitação em Administração Rural – Portaria 820/97 com 80 vagas e de Filosofia, Portaria 922/97, com 50 vagas.

O CESUR, entidade responsável pela Instituição de Ensino Superior perante as autoridades públicas e comunidade em geral, está incumbido de tomar as medidas necessárias ao bom funcionamento da FACER, respeitando os limites da lei e do regimento da faculdade. Colocam também a disposição da IES os bens móveis e imóveis necessários, assegura-lhe os suficientes recursos financeiros.

Número de empregados: 80 (média)

Principais metas da empresa:

A missão da FACER é contribuir, efetivamente, com a formação especializada do cidadão, preparando profissional especializado capaz de promover as transformações culturais que o mundo contemporâneo requer. Sua finalidade relativamente ao ensino é a de ser uma instituição de vanguarda, propondo a seguir um conjunto de princípios em direção à qualidade, quais sejam: capacitação de seus recursos, estimulando professores a um contínuo aperfeiçoamento e treinando funcionários em modernas técnicas administrativas informatizadas; o aluno como razão de ser da FACER e sua integração plena na comunidade;

preparando de seu aluno para disputar o mercado de trabalho globalizado com um diferencial competitivo que lhe assegure plenas condições de empregabilidade, como exemplo. Por se tratar de uma instituição educacional e de desenvolvimento científico, com indispensável compromisso com a qualidade e a excelência no ensino, tem por objetivo: pesquisar, criar e difundir conhecimentos específicos do pensar e do fazer profissional, nos campos do ensino ministrado pela instituição; promover a formação de profissionais éticos verdadeiramente comprometidos com o desenvolvimento da sociedade brasileira; estimular o aperfeiçoamento permanente e continuado do profissional, oferecendo uma estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento, seus diversos níveis de abrangência; e etc.

Levantar principais recursos que resultam o produto final: aulas e aprendizagem.

Caracterização dos Recursos Humanos da Empresa:

a) Categoria dos profissionais que atuam na empresa

80% do pessoal com nível superior e 20% outros.

b) Divisão técnica de trabalho

Existem cinco cursos: Administração, Direito, Marketing, História e Turismo; Docência e o pessoal de apoio.

c) Verificar a qualificação dos funcionários dividindo em qualificados, não qualificados e tipos de treinamento oferecidos:

Docentes, mestrados, técnicos em administração contínua.

d) Condições de jornada de trabalho:

Conforme a CLT.

e) Descrever a rotatividade da mão-de-obra.

Rotatividade baixa, somente em casos específicos.

APÊNDICE – D

LISTA DE SIGLAS

1P – primeiro período do curso de Administração

7P – sétimo período do curso de Administração

1R - primeiro período do curso de Administração com habilitação em Administração Rural

1G - primeiro período do curso de Administração com habilitação em Gestão de Sistema de Informação

1E - primeiro período do curso de Administração com habilitação em Administração de Empresa

7R - sétimo período do curso de Administração com habilitação em Administração Rural

7G - sétimo período do curso de Administração com habilitação em Gestão de Sistema de Informação

7E - sétimo período do curso de Administração com habilitação em Administração de Empresa